

OS KULINA (MADIJA): LÍNGUA, TRABALHOS E ESTUDOS

Os **Kulina** habitam desde o Peru até as proximidades do Rio Solimões e se distribuem em diferentes Terras Indígenas (TI). No Acre, vivem, basicamente, na TI Alto Purus, nos municípios de Manoel Urbano e Santa Rosa do Purus, em várias Terras Indígenas ao longo do Rio Envira, no Município de Feijó (TI **Kulina** do Igarapé do Pau, TI Jaminawa-Envira, TI **Kulina** do Rio Envira, além da TI Kaxinawá de Nova Olinda), e na TI Kaxinawá do Rio Humaitá. A língua **Kulina**, dependendo do autor, é classificada como sendo da família Aruak, subgrupo Arawá, ou, mais recentemente, da família Arawá, considerada, nesse caso, independente.

Quem conhece os grupos Aruak do Acre e sul do Amazonas (Manchineri, Ashaninka ou Kampa e Apurinã) e também os **Kulina**, logo percebe que, além dos aspectos culturais marcadamente particulares, há diferenças nítidas na forma de falar dos **Kulina**.

Madija (leia-se Madihá) é a autodenominação do grupo, que significa "gente", em contraposição a outros povos em geral, chamados de "cariú" ou "cariá". Há, hoje, duas gramáticas **Kulina** utilizadas nos trabalhos de alfabetização e na comunicação entre eles e os poucos conhecedores dessa língua que não são **Kulina**. A gramática mais conhecida foi desenvolvida originalmente entre os **Kulina** do Peru, com base no **Summer Institute of Linguistics (SIL)**, entidade evangélica de origem norte-americana. No Brasil, foi adotada pelo **Conselho Indigenista Missionário (Cimi)**, ligado à Igreja Católica, e que foi a principal entidade a trabalhar com os **Kulina** no Acre até os anos noventa. Missionários do Cimi, com formação em antropologia e linguística, se distribuíram entre diversas aldeias **Kulina** do Purus e Envira. O "famoso" Abel O. Silva (Kanaú) desenvolveu trabalhos na área de alfabetização na aldeia Igarapé do Anjo, TI **Kulina** do Rio Envira, onde morou durante vários anos. Junto com Ruth F. Monserrat elaborou um dicionário **Kulina**-português-kulina, publicado em 1984, e um livro de gramática **Kulina**, específicos para o dialeto da aldeia Igarapé do Anjo com base no SIL.

Frank e Christiane Tiss, um casal de missionários do **Conselho de Missão entre Índios (Comin)**, da Igreja Luterana, de origem alemã, vêm trabalhando, nos últimos anos, entre os **Kulina** do Amazonas, na região do Juruá, utilizando outra grafia para a língua **Kulina**. Diversas cartilhas já foram escritas nesse formato, substituindo algumas letras utilizadas pelo SIL (c, cc, j, tt, ss, hu, ds, qu, qqu, pp) por outras, representando, no entanto, os mesmos sons (k, kh, h, th, sh, w, z, k, kh, ph, respectivamente). Várias organizações não governamentais têm atuado em diferentes aldeias com trabalhos bastante pontuais.

Entre as instituições que atuam junto aos **Kulina**, como em qualquer outra etnia indígena, destacam-se a **Fundação Nacional do Índio (Funai)**, órgão federal que estabelece e executa a política indigenista no Brasil, e a **Fundação Nacional de Saúde (Funasa)**, que, desde 1999, responde pelo subsistema de atenção à saúde indígena, articulado com o SUS. De acordo com o artigo 129 da constituição, cabe ao **Ministério Público Federal (MPF)** defender judicialmente os direitos e interesses das populações indígenas, porém, o direito de recorrer ao MPF não é muito conhecido entre

elas. No entanto, a população em geral tende a associar questões indígenas apenas à Funai.

Alguns estudos antropológicos acadêmicos foram realizados entre os **Kulina** em diferentes rios, principalmente no Alto Purus. Destacam-se a pesquisa de doutorado de Donald Pollok, sobre etnomedicina, de 1985; um relatório de viagem do famoso antropólogo brasileiro, Eduardo Viveiros de Castro, de 1978; a dissertação de mestrado de Domingos A. B. da Silva sobre música e personalidade, de 1997; além de artigos, relatórios técnicos e trabalhos linguísticos diversos. Apesar dessas iniciativas, os **Kulina** continuam sendo um grupo relativamente pouco conhecido e estudado. Esse fato acaba gerando uma série de mal-entendidos e preconceitos, inclusive por parte dos povos indígenas circunvizinhos.

Embora seja comum a existência de conflitos interétnicos entre vizinhos em qualquer região do mundo, essas relações podem ser amenizadas na medida em que se amplia o conhecimento sobre o outro. Daí a importância de incentivar outros estudos e pesquisas sobre o grupo. Os próprios **Kulina** têm demonstrado interesse de que haja mais estudos sobre sua cultura, para que, dessa forma, possam ter mais visibilidade e contar com políticas públicas adequadas às suas características culturais.

AUTORIA

Moacir Haverroth

Pesquisador da **Embrapa Acre**

Biólogo

Doutor em saúde pública

E-mail: moacir.haverroth@cpafac.embrapa.br

LINKS REFERENCIADOS

Embrapa Acre

www.cpafac.embrapa.br

Fundação Nacional de Saúde

www.funasa.gov.br

Fundação Nacional do Índio

www.funai.gov.br

Ministério Público Federal

www.mpu.gov.br

Conselho Indigenista Missionário

www.cimi.org.br

Conselho de Missão entre Índios

www.comin.org.br

Summer Institute of Linguistics

www.sil.org

Kulina

pib.socioambiental.org/pt/povo/kulina

Moacir Haverroth

buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4707369J6

moacir.haverroth@cpafac.embrapa.br
moacir.haverroth@cpafac.embrapa.br

FIGURAS

Os Kulina habitam desde o Peru até as proximidades do Rio Solimões [Moacir Haverroth]

